



ESPINOZA E SUA FUNDAMENTAÇÃO FILOSÓFICA: DEUS E O HOMEM, UMA ÚNICA SUBSTÂNCIA

*Lucy Patrícia da Silva de Farias **

Resumo

O presente trabalho tem como propósito elucidar os principais conceitos desenvolvidos por Baruch Espinosa, tendo como eixo central Deus e o homem. Destacamos que no século XVII, as concepções a respeito de Deus se relacionavam com a onipresença, onisciência, onipotência e com a transcendência. Entretanto, Espinosa detinha ideias contrárias à sua época, porque acreditava que Deus é imanente, substância única, infinita, causa de si mesmo. Também considerava que o homem era modos de Deus, possuindo os atributos de extensão, que se referem ao corpo e mente, a qual possui três gêneros do conhecimento, que são: a imaginação, a razão e a ciência intuitiva. Assim, o embasamento teórico utilizado é pesquisa bibliográfica, iniciando-se pela contextualização histórica. Posteriormente, esclarecemos algumas concepções de Espinosa a respeito de Deus e do homem. E, por fim, apontamos a liberdade do homem, visto que o fato de ser livre não se confunde com o livre arbítrio, mas sim, com agir de acordo com sua essência.

Palavras-chave: Espinosa. Deus. homem.

INTRODUÇÃO

Em cada momento histórico surgem novas formas de conceber a realidade. Em alguns momentos, Deus era concebido como ponto central da filosofia, em outros, o homem rejeita essa concepção, se colocando como ponto central, o domínio da razão como referencial da ação humana. Tal realidade ocorreu nos séculos XVI e XVII, com as guerras religiosas entre católicos e protestantes. A respeito disso, Giumbelli (2001) aponta como resultado das citadas guerras, o início das reformas que culminaram na cisão definitiva da cristandade.

Justamente nesse período de guerras e conflitos que se insere o nascimento (1632 -1677) e desenvolvimento da filosofia de Espinosa. Este filósofo queria que o homem fosse livre de superstições e acreditava em um Deus imanente, divergindo da comunidade Judaica a qual fazia parte. Assim, foi excomungado em 1654, conforme o texto abaixo transcrito:

Pela decisão dos anjos e julgamento dos santos, excomungamos, expulsamos, execramos e maldizemos Baruch de Espinosa... Maldito seja de dia e maldito seja de noite; maldito seja quando se deita e maldito seja quando se

¹* Doutoranda em Ciências da Religião - Universidade Católica de Pernambuco- UNICAP, Mestra no Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião – UNICAP- Psicopedagogia pela Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO – Pós- Graduada em Gestão e Organização da Escola com ênfase em Direção Escolar- UNIP- Graduação em Pedagogia pela UNICAP. E-mail: lucypatricia1969@hotmail.com.

levanta; maldito seja quando sai maldito seja quando regressa... Ordenamos que ninguém mantenha com ele comunicação oral ou escrita, que ninguém lhe preste favor algum, que ninguém permaneça com ele sob o mesmo teto ou a menos de quatro jardas, que ninguém leia algo escrito ou transcrito por ele (CHUÍ, 1983, p.5).

A excomunhão objetivava impedir que suas ideias fossem disseminadas, todavia, estas se imortalizaram em suas obras, dentre as quais, ressaltamos: Princípios da Filosofia de René Descartes, Tratado Breve de Deus; Tratado da Correção do Intelecto, Ética, Tratado Político, Cálculo das Probabilidades, Tratados do Arco íris. Deleuze (2002), afirma que a partir de 1677, são publicadas Opera posthuma, Tratado da Correção do Intelecto, A Ética, o Tratado Político e o Compêndio. Assim, desvelamos o contexto da produção intelectual, partindo dos aspectos ontológicos, tipificando conceitos alusivos a Deus e ao homem. Em seguida a abordagem epistemológica do ser. Ao final, destacamos a liberdade do homem.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

Em 1632, nasceu Baruch Espinosa, em 24 de novembro, em Amsterdã, filho de Miguel Espinosa. Nesse período do nascimento do filósofo havia uma divisão social de classes na Holanda. Ademais, “havia uma divisão política marcada entre os favoráveis a Holanda e Portugal contra a Espanha e os favoráveis a Espanha contra Portugal” (MOREIRA, 2020, p.19).

Em 1640, Uriel da Costa, membro da comunidade judia, afirmou que não acreditava na imortalidade da alma, e por tal pensamento é submetido ao flagelo, à retratação pública, culminando posteriormente em seu suicídio. Nessa época, Espinosa tinha oito anos de idade e presenciou o fato. Aos 14 anos estreou os estudos para rabino, em 1646, iniciando pelo estudo do hebraico realizado na Escola da Árvore, frequentou a Academia da Coroa. Além disso, estudou com o talmudista Moreira, que o mostrou a cabala.

Em 1648, ocorre a assinatura do tratado de Vestfália², repercutindo diretamente para a burguesia holandesa, possibilitando a abertura das portas do comércio entre a Espanha e a Holanda. Nesse **ínterim**, o poder passou a ser ocupado pela burguesia e pela ala calvinista libertina, sendo o maior representante Johannes de Witt, o qual pertencia ao partido republicano (DELEUZE, 2002).

²Os tratados da Paz de Vestfália (1648) representam uma marca notável e divisória na história moderna europeia e universal. E os resultados, obtidos, transformaram o mapa político, religioso e territorial da Europa, com repercussões globais. “Um conjunto de conflitos em níveis variados, surgidos a partir do início dos Tempos Modernos e que resultaram na Guerra dos Trinta Anos [...]” (MAINKA, 2021, p.460).

Em 1652³, Espinosa começa estudar com Frans Van Den Enden, ex-jesuíta, médico, filólogo e livreiro, estudando algumas obras, das quais destacamos: Terêncio, Tácito, Tito Lívio, Petrônio, Virgílio, César, Plínio, Ovídio, Cúrcio, Cícero, Aristóteles, Hipócrates, Epiteto. Nesse mesmo ano, estudou os princípios da filosofia desenvolvida por Descartes.

Em termos políticos e conflitos existentes na época, destacamos a ocorrência da 2ª guerra da Holanda e, paralelo ao acontecimento mencionado, o falecimento do pai de Espinosa, em 1654. Dois anos depois, o filósofo foi excomungado da comunidade Judaica de Amsterdã. Ficando assim, impedido de administrar os bens da família. Assim, como forma de subsistência, leciona e trabalha como polidor de lentes, ofício que acaba afetando sua saúde.

Nota-se que sua excomunhão repercutiu socialmente e economicamente. Subsequente à excomunhão, Espinosa decide mudar-se para Rijnsburg, residindo nesta área entre os anos de 1660 a 1663. Tal período escreveu Breve Tratado, Tratado da Correção do Intelecto e a primeira parte de Ética. Em 1663 mudou-se para Voorburg, subúrbio de Haia, publicou Princípios da Filosofia de René Descartes. Logo em seguida, em 1665, Espinosa interrompeu a escrita da sua principal obra, Ética, para escrever, O Tratado Teológico e Político.

Nota-se que o contexto político de conflitos ocorridos durante esse período da Holanda, refletiu na obra de Espinosa, pois a liberdade política perpassa pela liberdade de pensar. Sob essa ótica, podemos constatar que, historicamente, há momentos que são sinalizados acordos para minimizar conflitos existindo articulações com outros Estados contra inimigos comuns. Isso aconteceu em 1668, quando os irmãos Witt assinaram a tríplice aliança com a Inglaterra e a Suécia, impedindo, dessa forma, uma invasão francesa.

Em 1670, Espinosa publica anonimamente e com uma falsa edição alemã, O Tratado Teológico-Político. Todavia, o autor da obra foi identificado. “São seus vínculos com o partido republicano, talvez a proteção de De Witt, que poupem Espinosa de ser propriamente perturbado” (DELEUZE, 2002, p.16). Mas, para evitar maiores problemas, principalmente com os pastores da localidade, Espinosa muda-se de Voorburg e passa a viver em Haia.

Nesse período, os Países Baixos estavam em guerra contra a França, culminando na invasão da Holanda pelos franceses em 1672 e no assassinato dos irmãos Witt. Logo após, em 1673, Espinosa é convidado para lecionar na Academia de Heidelberg. Sem embargo, recusa o convite porque o ensino filosófico e teológico tinha a finalidade estabelecer os dogmas da igreja calvinista (CHAUÍ, 1983).

Espinosa volta a Amsterdam, em 1675, com intuito de imprimir sua obra Ética, contudo, desiste. Retorna a Haia, falecendo em 21 de fevereiro de 1677, em decorrência da tuberculose. Em novembro do corrente ano, é publicada a maior parte de suas obras, sob o título de Obras Póstumas.

³ A primeira Guerra Angla Holandesa aconteceu neste referido ano entre a Inglaterra e os Países Baixos.

DEUS NA VISÃO DE ESPINOSA

A filosofia de Espinosa sustenta a tese que: “há uma única substância que possui uma infinidade de atributos” (DELEUZE, 2002, p.23). Essa substância é Deus, por isso é natureza naturante⁴ e imanente à realidade natural. Ademais, o filósofo entende que Deus é um ente absolutamente infinito, ou melhor, uma substância que consiste de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita (ESPINOSA, 2009).

Explicitando o conceito acima epigrafado, frisamos alguns pontos específicos, tais como: Qual é o significado de ente para Espinosa? Qual a definição de substância para esse filósofo? Qual a definição de infinito, supramencionado? E por que uma essência é caracterizada como eterna e infinita? No entanto, antes de elucidarmos tais questões, destacamos que Espinosa se fundamenta nos geômetras para explicar tudo que existe utilizando a lógica matemática, havendo um pensamento metafísico por meio de axiomas, proposições.

Portanto, o filósofo parte de uma linha de raciocínio que tanto explica o que é ente, quanto distingue o que não é ente. Desta feita, compreende-se por ente “tudo aquilo que, por meio de uma percepção clara e distinta, reconhecemos existir, ou pelo menos pode existir” (ESPINOSA, *apud* CHAUÍ, 1983, p.21). Não obstante, “um ente fictício e um ente de Razão não podem de modo algum ser colocado entre os entes” (ESPINOSA, *apud* CHAUÍ, 1983, p.21). Porém, tanto o ente fictício quanto o ente da razão, não existem fora da mente. Todavia, há uma diferença fundamental entre esses entes, pois no primeiro deve existir a conjunção de dois termos⁵. Já o segundo não é composto por termos que se inter-relacionam. Prestadas tais considerações, destacamos que o ente se divide em substância e modo.

Retomando o conceito de Deus, corroboramos com Deleuze ao evidenciar que a substância é um ponto central da obra *Ética* de Espinosa. Assim enfatizamos: 1) A substância é causa de si mesma; 2) A substância é causa de si, do mesmo modo que é causa das coisas; 3) Deus é causa eficiente e não causa final da realidade; 4) O pensamento e a extensão são atributos infinitos de Deus. Isso pode ser observado no texto a seguir,

Toda filosofia apresentada por Espinosa na *Ética* parte do conceito de Substância. As oito primeiras proposições da obra, que mantém a sua verdade categórica por toda *Ética*, se dedicam a defini-la e apontar o porquê de não haver uma pluralidade possível, já que substância é “aquilo que é em si e por si concebido, isto é, aquilo cujo conceito não carece do conceito de outra coisa para se formar.” Do ponto de vista do ser, há apenas uma substância para todos os atributos. (DELEUZE, 2012).

⁴ O termo natureza naturante foi empregado por Espinosa para designar a substância que existe em si mesmo.

⁵ Explicitando melhor temos como parâmetro a figura mítica do Minotauro, que não existe, mas conseguimos compreender o que se denota ao estabelecermos uma relação como o nosso conhecimento, porque tanto conhecemos o que é touro e também a figura humana. Assim, há uma relação entre os dois termos.

Verifica-se que Espinosa argumenta que a substância é causa sui, não mantém inter-relação com outras coisas para existir e causa das coisas existentes, sendo algo gerado por si, ou melhor, sua própria fonte geradora, não sendo afetado. Ademais, por ser causa eficiente, está em constante produção e não necessita de uma finalidade, pois sua existência existe per si. “A causa final, ao antropomorfizar Deus, destrói a divindade como ser infinito e, portanto, absoluto”, não necessitando de nada para atingir a completude (CHAUÍ, 1983, p.14).

Antes de adentrarmos no quarto argumento da substância, os atributos infinitos de Deus, pensamento e extensão, evidenciamos que normalmente é estabelecido o infinito pela negação, por conceber que o infinito é algo que não tem fim. Entretanto, a lógica de Espinosa relaciona que Deus tem incontáveis atributos. Na obra “Ética”, encontramos tal argumentação,

Digo absolutamente infinito e não infinito em seu gênero, pois podemos negar infinitos atributos àquilo que é infinito apenas em seu gênero, mas pertence à essência do que é absolutamente infinito tudo aquilo que exprime uma essência e não envolve qualquer negação (ESPINOSA, 2009, p.7).

Outro ponto a ser destacado relaciona-se à definição de absolutamente infinito, porque se exprime pela sua essência. Dessa forma, “a potência de Deus é a sua própria essência” (ESPINOSA, 2009, p.21). Por conseguinte, é causa de si, causa de todas as coisas. Desse modo, tudo o que existe traduz a natureza de Deus, a sua essência de uma maneira definida e determinada (ESPINOSA, 2009, p.21). Portanto, Deus é imanente, e o que existe possui sua natureza, inclusive, dentre os infinitos atributos de Deus há o pensamento e a extensão.

O HOMEM: MODOS DE DEUS

A filosofia de Espinosa procura, através de um método, dar um caminho ao homem de ser livre das superstições para chegar ao conhecimento. Deixa claro essa intencionalidade no prefácio do livro *Ética*, ao enfatizar que não irá explicar as coisas infinitas, nem as infinitas maneiras destas coisas, mas sim aquelas que possam conduzir a mente humana ao conhecimento, bem como a sua beatitude suprema.

Assim, o homem e tudo que faz parte da natureza, é parte de Deus, sendo finito, visto que apenas Deus possui infinitos atributos, sendo causa de si mesmo, não é afetado, enquanto o homem pode ser afetado. Assim, o homem é uma modificação (modus) através dos atributos divinos, pensamento e extensão, tendo como causa de sua ação o desejo⁶ (CHAUÍ, 1983).

⁶ Para Espinoza desejo é a o apetite com consciência de si mesmo. E o apetite é o esforço no qual cada coisa se impulsiona para manutenção do seu ser, ou melhor, o conatus (DELEUZE, 2002).

Sob essa ótica, o ser não é uma substância criada por Deus, sendo o corpo a extensão e a alma, o pensamento. Enfatizamos que não há uma supremacia de um sobre o outro, por esse motivo, chamamos de paralelismo⁷.

A tese espinosana menciona o corpo da seguinte forma,

[...] o corpo é uma máquina complexa de movimento e de repouso composto por corpos menores, que por sua vez são máquinas de movimento e de repouso. É pelo corpo que tomamos contato com a realidade extensa exterior, isto é, com os demais corpos, com os quais interagimos. A alma, ideia do corpo, não é um reflexo do corpo, mas a consciência do corpo e de sua inteligibilidade, bem como a de outros corpos. (CHAUÍ, 1983, p.15).

Portanto, o corpo é formado por outros corpos que estabelece uma relação. Através desse processo há uma ação que pode afetar o corpo a manter-se em movimento, velocidade, lentidão ou repouso. Esse movimento interno ocorre tanto no corpo, quanto na alma (pensamento). O encontro com outros corpos não atinge na mesma proporção a todos os indivíduos, pois cada indivíduo é singular.

Por coisas singulares compreendo aquelas coisas que são finitas e que têm uma existência determinada. E se vários indivíduos contribuem para uma única ação, de maneira tal que sejam todos, em conjunto, a causa de um único efeito, considero-os todos, sob este aspecto, como uma única coisa singular (ESPINOSA, 2009, p 27).

Evidencia-se nesse trecho o movimento para preservação do corpo, ou seja, o conatus. Destarte, nesse processo existe o que podemos chamar de campo de forças das afecções⁸ da natureza humana. O ser pode ser determinado por ações e paixões. As paixões podem ser positivas ou negativas, posto que seja possível aumentar ou diminuir o conatus ou potência.

[...] o que faz com que o valor da potência de cada um varie continuamente, em função dos encontros ou confrontos que ele vai tendo com a infinidade dos outros seres. A cada instante, a potência, tanto a individual como a coletiva, aumenta ou diminui, e não existe nada que se dê no corpo ou na mente que não a afete, positiva ou negativamente (ESPINOSA, 2009, p.10).

Observa-se que, conforme Espinosa, não só corpo quanto mente são afetadas. Com relação à mente, a afeição perpassa pelo conhecimento, existindo três gêneros do conhecimento que são: a imaginação, a razão e a ciência intuitiva. Destacamos que o conhecimento

⁷ Segundo Gleizer a “tese do paralelismo se segue igualmente que, se o corpo perece, a alma também perece” (GLEIZER, 2013, p 121).

⁸ Definimos por afeto a mudança ou modificação que ocorre simultaneamente no corpo e na mente. No que concerne podemos dizer que a ação ocorre quando eu sou causa adequada de um afeto. Já a paixão é a afecção que um corpo sofre por outro, mais precisamente em sua potência, sua capacidade de existir.

possui intrínseca relação com a forma que o homem é afetado, e isso é um fator determinante para a liberdade do indivíduo.

O primeiro gênero do conhecimento é a imaginação, é o mais elementar, que pode ser definido como um reflexo mais imediato das nossas percepções psicofísicas do mundo. As compreensões são parciais, compostas por juízos, contaminados de subjetividade e passividade.

Clarificamos que Espinosa, em sua tese, definiu o segundo gênero como o da razão. Trata-se do conhecimento no qual o intelecto é pautado nos conhecimentos universais. Desse modo, “pelas ideias da razão conhecemos as propriedades comuns das coisas, ou seja, os aspectos eternos universais da Natureza” (GLEIZER, 2013, p.124).

O terceiro gênero é definido como a ciência intuitiva, não havendo necessidade de utilizar a etapa de demonstração e argumentação pelo indivíduo. Portanto, “pela ciência intuitiva, por sua vez, conhecemos os aspectos eternos singulares, pois são elas que nos fazem conhecer as essências singulares das coisas como efeitos necessários [...]” (GLEIZER, 2013, p.124). O conhecimento das coisas singulares permite ao homem sair do primeiro gênero do conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A filosofia de Espinosa não nega a existência de Deus, no entanto, rompe com os fundamentos teológicos do século XVII. Destacamos que o filósofo buscou um caminho que conduzisse o ser à conquista da liberdade. Para tanto, o ponto de partida e central era Deus, como causa única de todas as coisas, a potência de si mesmo. Por isso, é uma substância única, um Deus imanente. E o homem nesse trilhar é modus de Deus. Entretanto, o homem até chegar ao conhecimento, passa por paixões, ação, afetos que iriam repercutir diretamente tanto no corpo, como na mente. Nessa relação de forças, o homem necessita sair do gênero imaginativo até chegar ao gênero do conhecimento intuitivo.

Salientamos que, quando o indivíduo toma consciência da forma que é afetado diante dos bons e maus encontros, é capaz do domínio da mente, para chegar à liberdade sem interferências exteriores. Assim, a liberdade do ser é a sua capacidade de ser livre, usufruindo do domínio sobre sua mente.

REFERÊNCIAS

CHAUI, Marilena. Espinosa vida e Obra. Spinoza, Benedictus de, 1632-1677. S742p. In: **Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética**; 3ªed. Tratado político; Correspondência / Baruch de Espinosa; seleção de textos de Marilena de Souza Chauí; traduções de Marilena de Souza Chauí... [et al.]. — 3. ed. — São Paulo; Abril Cultural, 1983. (Os pensadores)

DELEUZE, Gilles. **Espinosa, filosofia prática**/ Gilles Deleuze – São Paulo: Escuta, 2002. 144p. ISBN: 85-7137-196-2.

GLEIZER, Marcos André Gleizer. **Lições introdutórias à ética de espinos**.

COLEÇÃO FILOSOFIA PRIMEIRA. Rio de Janeiro: Editorial Viaverita, 2013.

MOREIRA, Ana Carolina Costa. **Espinosa: a existência como travessia** / Ana Carolina Costa Moreira. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

MAINKA, Peter Johann. O Congresso da Paz de Vestfália (1643-1648): convocação, negociações, resultados. **Revista Unisinos**. v. 25 n. 3 (2021): SETEMBRO/DEZEMBRO. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/historia/article/view/19848>>. Acesso em: 12 jul. 2022.

SPINOZA, Benedictus de, 1632-1677. **Tratado político I Baruch de Espinosa**. Tradução, introdução (notas Diogo Pires Aurélio; revisão da tradução Homero Santiago. - São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009. - (Clássicos WMF) Título original: Tractatus politicus. ISBN 978-85-7827-141

SPINOZA, Benedidus de, 1632-1677. **Ética / Spinoza**. Trad. Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. Título original: Ethica ISBN: 978,85-7526-381-5